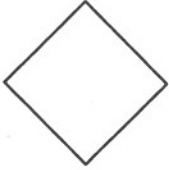


A ocidentalidade do professor de línguas no romance *Under Western Eyes* de Joseph Conrad*



Ana Isabel Lopes

O romance de Joseph Conrad (3.12.1857 - 3.8.1924) é dominado por figuras que possuem uma consciência individual condicionada pela narrativa das convenções culturais de que são portadoras. Esta narrativa dominante veicula o conjunto de normas no qual se fundamenta o liberalismo das sociedades ocidentais, conferindo a tais figuras a autoridade para assumirem a centralidade do seu sistema cultural. Em resultado disso, o processo de auto-representação destes sujeitos da modernidade ocorre através de operações identificatórias alicerçadas na constituição do “outro” como estranho.

Under Western Eyes, publicado em 1911, afigura-se como romance no qual se polarizam e desenvolvem estes vectores da narrativa conradiana. Nele encontramos um narrador – o professor de línguas – que se identifica com o que designa de “Europa Ocidental” e que, para validar essa identificação, representa o “outro” diferente de si próprio. Ao mesmo tempo, o narrador assume que os leitores partilham o quadro referencial subjacente ao seu discurso, sendo esta uma estratégia que, além de legitimar esse quadro como o único válido, desencadeia a exclusão dos comportamentos que diferem dos parâmetros por ele consignados.

Ao longo da narrativa do professor de línguas encontramos afirmações através das quais ele rejeita a possibilidade de a mesma decorrer de uma actividade imaginativa. Para tal, arroga-se o princípio que, de acordo com o paradigma dominante na cultura ocidental, é assumido como o da objectivi-

* Este artigo desenvolve aspectos anteriormente focados numa breve comunicação apresentada no XVIII Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos.

dade.¹ O recurso a esta convenção constitui uma tentativa do narrador de estabelecer a sua identificação com o modelo conceptual que julga ser comum àqueles aos quais se dirige.

Simultaneamente, ela configura um meio de ele ganhar credibilidade junto do “leitor ocidental”. Na verdade, à luz do paradigma da ciência moderna, a veracidade do texto do professor de línguas é aferida pelo facto de o conhecimento resultar da representação de um objecto, que é isolado e “descrito pelo sujeito como existindo independentemente da qualquer intervenção criativa deste” (Santos 1994, p. 94). Ao declarar – “But this is not a work of imagination”² – o narrador, enquanto sujeito racional, reitera o propósito de manter a distância em relação à realidade a conhecer. Esta é a atitude que permitirá validar um texto, em que, segundo ele, nada é inventado: “I push my scruples so far that I would not even invent a transition” (UWE, p. 131).³

Contudo, ao invocar a objectividade, ele está a introduzir, na sua narrativa, uma das regras que, num contexto cultural específico, lhe confere a capacidade de interpretar a sua experiência, dando forma, isto é, criando humanamente a realidade. Raymond Williams descreve esta actividade “criativa”, nos seguintes termos:

The information that we receive through our senses from the material world around us has to be interpreted, according to certain human rules, before what we ordinarily call ‘reality’ forms. The human brain has to perform this ‘creative’ activity before we can, as normal human beings, see at all (...) (Williams 1980, p. 33); (...) we must start from the position that reality *as we experience it* is in this sense a human creation; that all our experience is a human version of the world we inhabit (Williams 1980, p. 34).

Deste modo, ao negar a possibilidade de ter criado uma personagem, o narrador está, de facto, a articular a experiência de apreensão do real segundo determinada regra humana. Assim, poderemos ler, na sua insistência em vincar

¹ Segundo o quadro conceptual da modernidade, ser objectivo é a atitude que, assente na racionalidade formal, permite legitimar o discurso do sujeito: “By claiming to picture the world and objects in it from a purely objective, “third-person”, point of view, the subject claimed access to a framework of comprehensive and generalized beliefs that could serve as the basis for true and valid descriptions of actions and events” (Cascardi 1994: 43).

² Joseph Conrad, *Under Western Eyes* (1911), Penguin, Harmondsworth, 1987, p. 131. Futuras referências a esta obra serão identificadas com a sigla UWE, seguida do(s) número(s) da(s) página(s).

³ Note-se que este comentário constitui por si exemplo de uma das “transições” que o professor nega criar.

que a gênese da narrativa reside nos “factos”,⁴ a afirmação de um dos códigos que torna a realidade inteligível, enformando a representação desta. Na verdade, em qualquer representação estão contidos os códigos de leitura definidos pelas circunstâncias culturais que a rodeiam, como sublinha Richard Dyer: “(...) representations are presentations, always and necessarily entailing the use of the codes and conventions of the available cultural forms of presentation” (Dyer 1993, p. 2). Paralelamente, o recurso a uma convenção permite que a sua experiência pessoal seja comunicável, no âmbito da comunidade dos que são perfilados como seus leitores.⁵

Na abertura da narrativa, delineia-se a atitude preponderante do professor de línguas de tratamento do “outro” como objecto de que dispõe, confrontando-o com um modelo de organização do real que considera intrínseco ao “pensamento ocidental” (UWE, p. 72). Este comportamento corrobora a construção do estereótipo do narrador objectivo, ao estabelecer o logocentrismo, próprio daquele modelo, como o critério de legitimação do discurso.⁶ A utilização de um estereótipo revela que ele ordena a sua percepção a partir da assumida centralidade de um paradigma de cultura. Ao mesmo tempo, ela serve como um meio de ele definir as características com as quais identifica a categoria dos “Europeus do Ocidente” (UWE, p. 138), em que se inclui. Assim se concretiza a função mais importante do estereótipo, de acordo com Richard Dyer: “This is the most important function of the stereotype: to maintain sharp boundary definitions, to define clearly where the pale ends and thus who is clearly within and who clearly beyond it” (Dyer, 1993, p. 16).

A completar o processo de inclusão de uns e exclusão de outros, que o estereótipo desencadeia, encontramos determinados atributos que são regularmente usados na caracterização do que o narrador julga ser ocidental, por um

⁴ A este respeito, o professor de línguas afirma no início da narrativa: “The fact remains that [Razumov] has written [his record]” (UWE, p. 56). A abrir a Parte IV, insiste na auto-representação de narrador objectivo: “That I should, at the beginning of this retrospect, mention again that Mr Razumov’s youth had no one in the world (...) is but a statement of fact from a man who believes in the psychological value of facts” (UWE, p. 281).

⁵ Na proposta de Raymond Williams, as noções de comunicação e comunidade interligam-se: “(...) our descriptions of our experience compose a network of relationships, and all our communication systems, including the arts, are literally part of our social organization”; “Since our way of seeing things is literally our way of living, the process of communication is in fact the process of community” (Williams 1980, p. 55).

⁶ Richard Dyer considera o estereótipo uma das formas de representação pelas quais a realidade social é tipificada: “Stereotypes as a form of ordering’ the mass of inchoate data that we receive from the world are only a particular form (...) of the wider process by which any human society, and individuals within it, make sense of that society through generalities, patternings and ‘typifications’” (Dyer 1993, p. 12).

lado, e russo, por outro. Com efeito, a distância em relação ao pensamento logocêntrico, em que ele coloca os Russos, é marcada pelos vocábulos “simplicity” (UWE, p. 134, 139, 151, 156), “simple” (UWE, p. 134), “mystic” (UWE, p. 58, 105, 134, 150, 151), “mystical” (UWE, p. 292) e “inconceivable” (UWE, p. 56, 78, 135). Saliente-se que, na esteira da modernidade, estes vocábulos contêm significados opostos à complexidade formal do discurso racionalista, pelo que o recurso a eles consubstancia uma desvalorização do “outro”, através da qual se afirma a centralidade de uma cultura dominante.

Por outro lado, encontramos “dense” (UWE, p. 135, 141), “complex” (UWE, p. 144) e “sophisticated” (UWE, p. 151), qualificativos que o narrador usa para se definir e para identificar o “Ocidente”,⁷ os quais derivam do logocentrismo e, pelo contraste com os anteriormente citados, significam uma declaração da superioridade cultural do quadro normativo a ele subjacente. Segundo Edward W. Said, tal afirmação de superioridade é, aliás, o elemento mais relevante da cultura europeia:

(...) it can be argued that the major component in European culture is precisely what made that culture hegemonic both in and outside Europe: the idea of European identity as a superior one in comparison with all the non-European peoples and cultures (Said 1991, p. 7).

A valorização de um modelo de cultura ocorre, igualmente, pela identificação do mesmo com o domínio da natureza. De facto, através da expressão “our complex Western natures” (UWE, p. 144), o narrador naturaliza uma norma: a da formalização conceptual, que é apanágio da mundividência daqueles que o narrador evoca ao utilizar a designação “Ocidente da Europa” (UWE, p. 72). Observe-se que esta expressão, sendo generalizante, integra experiências singulares de modo culturalmente homogéneo.⁸ Nela, a diversidade do relacionamento entre indivíduos é reduzida a uma figura abstracta, da qual emanam os princípios defendidos pelo narrador.

⁷ Na definição de Christopher GoGwilt, o conceito de “Ocidente” emergiu, no início do século XX, para reafirmar a ideologia da superioridade cultural, que o colapso do Império Britânico impossibilitara: “With the failure to consolidate a coherent ideology of the British Empire, the idea of “the West” emerged to replace and resituate a range of assumptions about race, nation, class, and gender” (GoGwilt 1995, p. 45).

⁸ O conceito de identidade cultural inerente a esta representação geográfica e política aproxima-se daquele que, no âmbito dos estudos pós-coloniais, Homi K. Bhabha sustenta: “(...) an homogenizing, unifying force, authenticated by the originary Past, kept alive in the national tradition of the People” (Bhabha 1994, p. 37). Com efeito, ao referir os “Europeus do Ocidente” e o “Ocidente da Europa”, o narrador torna a realidade dos conflitos e contradições numa abstracção, alicerçada na narrativa coerente do que ele supõe ser a tradição cultural europeia.

Além do recurso a abstrações, a invocação de factos é outro parâmetro que, para o narrador, atesta a sua objectividade. Com essa invocação, ele pretende apresentar o que considera a realidade histórica dos acontecimentos. Mas, como Andrew Wright defende, a escrita histórica consiste na imposição de um padrão sobre acontecimentos do passado, que são valorizados e seleccionados (Wright, 1987, p. 2) e, assim, ao apresentar, isto é, representar tal realidade, o narrador de *Under Western Eyes* selecciona e impõe um padrão sobre a mesma. O carácter culturalmente normativo, determinado, da objectividade revela-se, também, na discursivização de factos do passado das personagens.

A abordagem da vida da personagem russa Madame de S. é exemplo dessa necessidade de constituir o real num conteúdo visível, “histórico”. Embora o conhecimento prévio de tal personagem, por parte do narrador, se baseie apenas em relatos que ele ouviu acerca de alguns episódios da sua vida, ele insere os relatos e o conhecimento inferido a partir deles numa categoria de precisão, de algo com carácter definido: “Wonder may be expressed at a man in the position of a teacher of languages knowing all this with such definiteness”(UWE, p. 179). Para acentuar a credibilidade que deseja obter, o narrador tenta, de novo, afastar do seu texto as características que um romancista lhe teria conferido:

A novelist says this and that of his personages, and if only he knows how to say it earnestly enough he may not be questioned upon the inventions of his brain in which his own belief is made sufficiently manifest by a telling phrase, a poetic image, the accent of emotion. Art is great! But I have no art, and not having invented Madame de S-, I feel bound to explain how I came to know so much about her (UWE, p. 179).⁹

Contudo, uma vez que a escrita histórica e as narrativas ficcionais se aproximam, pelo facto de ambas darem uma forma comunicável aos factos,¹⁰ concluímos que as afirmações citadas corroboram o processo de determinação

⁹ O narrador pretende marcar um contraste entre arte e realidade, cujo sentido não é justificável. Como salientámos no início, ao ser percebida pelos sentidos a realidade é sujeita a uma interpretação determinada por convenções culturais, as quais organizam a nossa experiência. No mundo humano não existe, portanto, uma realidade “essencial”, oposta a uma outra que seja “criada”.

¹⁰ A analogia entre as duas formas de escrita é defendida por Andrew Wright neste trecho: “As historical writing is a rationalization after the event, historians make plots out of what they think has really happened, imposing a pattern on what they have discerned by selecting certain events out of the undifferentiated mass of facts and suppositions, and arranging them in a certain order. Those who compose avowedly fictional narratives are - deceptively - somewhat more free, but they too take the materials that observation furnishes, and try to make sense of them by arranging them into discourses” (Wright, 1987, p. 2).

de fronteiras que o estereótipo desenvolve. Na verdade, a fluidez e invisibilidade das diferenças entre as duas escritas são representadas numa distinção, sólida e visível, entre objectividade e criatividade. Assim se concretiza o papel do estereótipo de tornar uma realidade invisível numa representação visível:

The role of stereotypes is to make visible the invisible, so that there is no danger of it creeping up on us unawares; and to make fast, firm and separate what is in reality fluid and much closer to the norm than the dominant value system cares to admit (Dyer, 1993, p. 16).

Entretanto, o facto de o narrador condenar a autocracia russa significa que ele rejeita um regime político firmado em moldes pré-modernos de legitimação do poder. Na verdade, a sobrevivência de tal regime depende da obediência e confiança inquestionáveis em relação a chefes políticos cuja soberania é validada por padrões de exemplaridade e virtude. Esses padrões, designados por Anthony J. Cascardi de "naturalistic criteria" (Cascardi, 1994, p. 201), divergem do processo de secularização, isto é, de instituição de uma legalidade normativa, que fundamenta o liberalismo político.¹¹ Por sua vez, à luz de tais critérios, a revolução é sinónima de explosão de irracionalidade, a qual nos regimes liberais é controlada através de concessões, inerentes ao processo de negociação da liberdade e desejos individuais no palco da vida social.

À alteridade cultural, que se afigura desprovida de forma enquadrada nos moldes que legitimam o liberalismo, o narrador atribui a forma tipificadora do estereótipo. Assim, da líder revolucionária Sophia Antonovna são seleccionados determinados traços físicos e do seu aspecto exterior, que ele cita insistentemente quando a ela se refere, chegando mesmo a substituir o nome dela pelas expressões "the woman in the crimson blouse" (UWE, p. 239, 246), "woman in a red blouse" (UWE, p. 307) e pela sinédoque manifesta em: "Seeing themselves noticed by Sophia Antonova, they [two men] crossed over at once (...). They looked hard at the stranger, but without mistrust, the crimson blouse being a flaring safety signal" (UWE, p. 259).

De igual modo, as imagens de caos, que perpassam pela representação dos revolucionários russos, opõem-se à segurança e racionalidade com as quais o narrador associa a cidade de Genebra. A centralidade deste núcleo geográfico e dos princípios políticos nele consubstanciados manifesta-se na sua

¹¹ Atente-se na definição que Anthony J. Cascardi apresenta sobre secularização: "(...) secularization is the process by which the instability inherent in the charismatic authority of prophets and priests came to be regularized, contained, and in the end transformed into a normative force for society as a whole" (Cascardi, 1994, p. 154).

caracterização como: “(...) the respectable and passionless abode of democratic liberty” (UWE, p. 330). No mapa político da cidade, traçado pelo narrador, apenas um lugar escapa à retracção emotiva necessária para a perpetuação da “liberdade democrática”: a casa onde os revolucionários residentes na Suíça se reúnem – o “Château Borel” – acerca do qual, para focar a diferença, o narrador declara hiperbolicamente: “It was in its exclusiveness an ideal abode for hatching superior plots” (UWE, p. 164). O recurso ao termo “exclusiveness”, cujo conteúdo semântico se estende, na representação narrativa, às personagens que frequentam aquela casa, reforça a centralidade dos princípios políticos subjacentes aos comentários do narrador.

Em divergência com o estado de “exclusividade” da experiência dos revolucionários em Genebra, o narrador coloca a “hospitalidade universal” (UWE, p. 314) desta cidade, que possibilita que eles nela se refugiem. Mas ao insistir na sua condição de “refugiados” o narrador reconhece, implicitamente, que o carácter hospitaleiro de Genebra é inalienável do facto de as actividades dos grupos para ela voluntária ou involuntariamente deslocados não constituírem obstáculo ao sistema político do território suíço, ou seja, não ameacem o tipo de liberdade nele vigente. É na medida em que esse sistema não é abalado pela actividade dos “refugiados”, que a hospitalidade mencionada é possível.

Aliás, o narrador alude aos factores determinantes de tal liberdade, podendo ser lido num dos seus comentários o significado a atribuir ao adjectivo “livre”, com o qual ele caracterizara a cidade de forma metonímica (UWE, p. 136): “I observed a solitary Swiss couple, whose fate was made secure from the cradle to the grave by the perfected mechanism of democratic institutions in a republic that could almost be held in the palm of one’s hand” (UWE, p. 189). Na base desta segurança, está uma vivência da liberdade que, além de implicar um nivelamento da singularidade, idêntico ao que permite ao narrador reportar-se à noção homogeneizadora de “Ocidente”, requiere a negociação dos desejos e vontades individuais no plano da vida colectiva. Assim são silenciados os impulsos que, de contrário, ameaçariam o Estado moderno: “(...) the State can only be justified as the suppression by rational agreement or “contract”, of an original violence that threatens always to return” (Cascardi, 1994, p. 212).

A exclusão de algumas personagens ocorre em paralelo com a inclusão narrativa de outras na comunidade dos Europeus ocidentais. Nela são integradas as personagens russas que, segundo o narrador, se aproximam ideologicamente do seu estatuto de elemento pertencente ao estrato socialmente dominante, que rejeita tudo o que constrange os seus parâmetros de conduta. É de salientar, nas referências à personagem Miss Haldin, a reiteração do atributo com o qual o

narrador articula experiências no âmbito da sua representação de forma: “The grip of [Miss Haldin’s] strong, *shapely* hand (...)” (UWE, p. 145); “(...) I made out her *shapely* figure (...)” [itálico meu] (UWE, p. 162). Este processo ocorre, igualmente, pela inscrição de qualificativos conotados com o masculino em personagens femininas. Acerca de Sophia Antonovna lemos a expressão “manly grasp” (UWE, p. 239), enquanto sobre Natalia Haldin encontramos as descrições:

“Her glance was as direct and trustful as that of a young man yet unspoiled by the world’s wise lessons” (UWE, p. 133); “The grip of her strong, *shapely* hand had a seductive frankness, a sort of exquisite virility” (UWE, p. 145); “Her voice, slightly harsh, but fascinating with its masculine and bird-like voice, had the accent of spontaneous conviction” (UWE, p. 163); “Her voice, with its unfeminine yet exquisite timbre, was steady, and she spoke quickly, frank, unembarrassed” (UWE, p. 323).

Inserindo-se num universo dominado por padrões de masculinidade, o narrador coloca Miss Haldin num plano de convencional fragilidade, por associação à emotividade, própria do domínio do natural, com a qual o feminino é conotado. Nesta linha de pensamento e em divergência da racionalização com a qual o masculino é associado, observamos a propósito de mãe e filha (Mrs Haldin e Miss Haldin) o substantivo que, na narrativa, se opõe à complexidade reclamada pelo narrador para o homem ocidental: “It seemed due to their refined *simplicity* that [such a complication] should remain concealed from them for ever” [itálico meu] (UWE, p. 139). Daqui resulta que, na sua qualidade de “gentleman”, ele julga necessário proteger Miss Haldin, a qual é considerada: “(...) so true, so honest, but so dangerously inexperienced!” (UWE, p. 164).

Porém, no seu contacto com personagens femininas, o narrador é confrontado com a falibilidade das abstrações que elabora. No caso de Sophia Antonovna, além de o comportamento desta não evidenciar aquela fragilidade, ela lidera intelectualmente os revolucionários, empenhando-se no plano político, por convenção reservado aos homens enquanto parte da vida pública da qual as mulheres estão excluídas.

O professor de línguas é ainda surpreendido pelos comentários de carácter político, tecidos por Miss Haldin, os quais confirmam que emotividade e razão não se antagonizam através dos polos contrários do feminino e do masculino. Naquilo que as críticas dela têm de divergente, em relação às suas concepções políticas, ele reage, afirmando a sua incompreensão: “The most of [Miss

Haldin's] precise sayings seemed always to me to have enigmatical prolongations vanishing somewhere beyond my reach" (UWE, p. 145).

A necessidade de formalizar a realidade conduz, então, ao enquadramento de Miss Haldin e de Sophia Antonovna, em características masculinas, para destacar o que considera ser a proximidade das mesmas em relação ao quadro com o qual se define. A atribuição de características masculinas a estas personagens veicula um não reconhecimento da especificidade delas, análogo àquele que motiva a assimilação das personagens russas em geral segundo padrões do pensamento ocidental dominante. Esta analogia fundamenta-se no contexto do processo de apropriação do racionalismo na modernidade: "(...) [modernity] served to set gender, race and ethnic relationships of power on a new footing. It gave dominant forms of masculinity enormous power and authority as the legislators of knowledge" (Seidler, 1994, p. 71).

Além daquelas, ele assimila também a personagem cujas reflexões mais se baseiam nas premissas do seu próprio pensamento: o estudante russo Razumov. Note-se que a redacção de um diário, por parte deste, é justificada com base numa atitude do próprio narrador, a partir da qual é estabelecida uma generalização: "Being myself a quiet individual I take it that what all men are really after is some form or perhaps only some formula of peace" (UWE, p. 56). Posteriormente, a identificação de Razumov por parte do professor de línguas com o grupo dos Ocidentais é notória numa comparação pela qual ele coloca na personagem um aspecto da mundividência desse grupo, que é também a sua mundividência: "But [Razumov] felt a suspicious uneasiness, such as we may experience when we enter an unlighted strange place - the irrational feeling that something may jump upon us in the dark - the absurd dread of the unseen" (UWE, p. 80). A construção das semelhanças entre os dois consolida a definição das características em que ele se revê e confirma-se no comentário que revela a sua constatação do modo de os Russos a ele se referirem: "Of course I was also described as an Englishman" (UWE, p. 192).

Finalmente, a legitimação da identidade do professor de línguas enquanto elemento integrado no estrato culturalmente dominante passa pela forma como representa as personagens que se perfilam como os cidadãos da sociedade russa: o Príncipe K-, o General T- e o Conselheiro Mikulin -, os quais tornam sua a estrutura de valores emanada do regime político daquele sociedade.¹² Eles são

¹² No recurso ao substantivo "cidadãos" reportamo-nos ao conceito de "member" que Raymond Williams descreve, referindo-se plano concreto das relações entre indivíduos e sociedades: "The member of a society feels himself to belong to it, in an essential way: its values are his values, its purposes his purposes, to such an extent that he is proud to describe himself in its terms" (Williams 1980, p. 102).

os cidadãos de um modelo de sociedade hierarquizada, na qual a cidadania é o privilégio de um grupo restrito e a individualidade é sinónima do conjunto, como verificamos pelo recurso a déicticos de primeira pessoa do plural: “We have got [Razumov] (...)” (UWE, p. 87); “We have detained [a good woman who was in the street](...)” (UWE, p. 88); “We know that, *mon Prince*” (UWE, p. 89); “You shall end by coming back to us” (UWE, p. 283). Raymond Williams realça a seguinte característica da cidadania:

(...) it is of the essence of membership that the individual, so far from feeling that the society is opposed to him, looks upon it as the natural means by which his own purposes will be forwarded (Williams 1980, p. 102).

O General T- manifesta essa identificação intrínseca com a sociedade em declarações que perspectivam no domínio da natureza aspectos respeitantes à organização da estrutura social e política: “I detest rebels of every kind. I can’t help it. It’s my nature!”; “My existence has been built on fidelity. It’s a feeling”(UWE, p. 92). Na esteira da fidelidade, isto é, da obediência convicta necessária à manutenção de tal estrutura, a segurança pessoal é apenas garantida aos que se reconhecem nos valores e regras de acção das instituições vigentes. Tal grupo é citado num relatório oficial pelo recurso aos vocábulos “superior authorities” (UWE, p. 126). Igual segurança é concedida aos que dele dependem hierarquicamente e que Mikulin nomeia de “inferior officials” (UWE, p. 125), assim como aos que em seu redor gravitam. Neste sentido, leia-se a afirmação do General T- “Mr Razumov is quite safe with me” (UWE, p. 91).

A atitude exclusivista, resultante da identificação com valores que promovem a existência de uma elite de cidadãos, consubstancia-se na forma característica de diálogo destas personagens. Elas exprimem-se através de construções fráscas incompletas ou elípticas, constituindo o silêncio e os gestos um código, cuja chave de interpretação é apenas acessível àquela elite.

Nas conversas com Razumov, Mikulin exprime-se de forma idêntica, preferindo terminar as frases com um gesto, sistematicamente mencionado pelo narrador na expressão – “[Mikulin] glanced down his beard” (UWE, p. 122, 123, 124, 126, 284, 294, 295) – e as variantes – “Councillor Mikulin looked down his beard”(UWE, p. 128), “He glanced rapidly down his beard” (UWE, p. 128).

Na representação narrativa dos três cidadãos, verificamos traços que nos conduzem à distinção entre forma e ausência de forma, como princípio ordenador de experiências, por parte do narrador. Na verdade, são utilizados por duas vezes os vocábulos “white shapely hand” (UWE, p. 62), para descrever o Príncipe K-. Por sua vez, ao valorizar a esfera privada de Mikulin, na qual pela

dedicação a actividades culturalmente significativas em termos dos padrões ocidentais a personagem é representada como possuindo características semelhantes às do narrador, este articula a inserção de si mesmo no conjunto de indivíduos para os quais a cidadania implica a segregação, para o âmbito do estranho e anómalo, daquilo que se afasta do seu modelo cultural e social. A completar a identificação do narrador com os cidadãos, descobrimos a metáfora à qual também o General T- recorre, para indicar indivíduos de alguma forma excluídos da cidadania. Com efeito, o narrador designa todos os que têm condições de vida degradadas de “the hopeless and the destitute - the night birds of the city” (UWE, p. 72), enquanto o General T- se refere ao revolucionário Victor Haldin, declarando: “(...) the bird might have flown (...)” (UWE, p. 87) e “We want that bird alive” (UWE, p. 88).

Os aspectos que acabámos de explorar permitem-nos verificar que, embora o sistema político da sociedade russa seja caracterizado como “an unEuropean despotism” (UWE, p. 301), tal não impede o narrador de modelar os seus dirigentes a partir de convenções do seu próprio universo cultural. O Príncipe K-, o General T- e o Conselheiro Mikulin são assimilados no conjunto das personagens às quais o narrador dá uma forma que torna as declarações, silêncios, gestos e comportamentos delas visíveis, isto é, compreensíveis em termos dos padrões da ocidentalidade de que ele se assume como representante.

A objectividade, afirmada no início pelo narrador, é a norma que, no paradigma da modernidade, deriva de um quadro de valores universalmente válidos. Fiel a essa norma, o professor de línguas propõe-se apresentar um discurso de carácter factual, que ele supõe isento de criatividade. Esta é a premissa necessária para que o “leitor ocidental” assuma a narrativa dele como verdadeira. Contudo, o facto de o narrador fazer valer a sua própria verdade com a única reconhecível não coincide com aquilo que Joseph Conrad, na nota de autor, nos propõe como constituindo a verdade da ficção:

The obligation of absolute fairness was imposed on me historically and hereditarily, by the peculiar experience of race and family, in addition to my primary conviction that truth alone is the justification of any fiction which makes the least claim to the quality of art or may hope to take its place in the culture of men and women of its time (UWE, p. 49 - 50).

Com efeito, para lá da exterioridade do professor de línguas, encontramos a verdade resultante da constatação de que as estratégias discursivas dele criam a realidade segundo convenções da sua cultura e de que na criação desse objecto se projecta a auto-representação do sujeito. O narrador assimila os Russos no

âmbito de um universo de convenções formado por estereótipos, imagens e metáforas, visando obter uma resposta estandardizada do leitor em relação ao que ele constitui como o "outro". Pelas mesmas estratégias, ele define a sua identidade cultural e selecciona as personagens que julga serem aproximáveis a ela. É através do recurso a uma estrutura convencional de sentido, na leitura das personagens russas e na asserção da sua própria individualidade, que o professor de línguas legitima a condição de representante dos códigos e valores dominantes nas sociedades ocidentais.

Referências

- BHABHA, Homi K. (1994) – *The location of culture*. London and New York: Routledge.
- CASCARDI, Anthony J. (1994) – *The subject of modernity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CONRAD, Joseph (1987) – *Under Western Eyes* (1911). Harmondsworth: Penguin.
- DYER, Richard (1993) – *The matter of images: essays on representation*. London and New York: Routledge.
- GOGWILT, Christopher (1995) – *Lord Jim* and the invention of the west. *Conradiana*, vol. 27, n.º1, p. 45-63.
- SAID, Edward W. (1991) – *Orientalism: western conceptions of the Orient*, Harmondsworth: Penguin (publicado em 1978).
- SANTOS, Boaventura de Sousa (1994) – *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- SEIDLER, Victor J. (1994) – *Unreasonable men: masculinity and social theory*, London and New York: Routledge.
- WILLIAMS, Raymond (1980) – *The long revolution*. Harmondsworth: Penguin (publicado em 1961).
- WRIGHT, Andrew (1987) – *Fictional discourse and historical space*. London and Basingstoke: The Macmillan Press.